

Felicidade. A luta social de Karenina.

Happiness. The social struggle of Karenina.

Rafael Willian Clemente¹ e Regina de Paula Medeiros²

Como não se apaixonar por Anna Karenina? Deixei a sala de cinema rindo sozinho. Mas não um riso comum, aquele da felicidade extrema, e sim um sorriso de compreensão, que sai do canto da boca quando você descobre algo que, no instante em que se mostrou, passou despercebido. No entanto, desde os primeiros minutos após ser apresentado a essa dama russa, pressenti que ela viria de modo forte e intenso. Estava correto. Ao término, o meu sorrir era de agrado, pelo bom filme assistido, mas também por descobrir ali mais que uma personagem da literatura russa.

Anna Karenina parecia mais que uma simples mulher saída das páginas de um romance para as telas dos cinemas. De personalidade forte e robusta, intensa ao extremo, mas também doce e suave nos momentos em que isso era exigido. Porém, outros eram os motivos que me levaram à reflexão. Então, caminhei pelo corredor branco onde uma placa indicativa mostrava a saída, pensando em cada um deles, num diálogo interior comigo mesmo. As cenas recém gravadas em minha mente retornavam expostas em poucos segundos, como *flashes*, relâmpagos da recordação. Alguns deles me permito a escrever, com uma abordagem menos intelectualizada ou “academicista” nesse breve espaço. Logo, aviso aos leitores a minha parcialidade ao redigir essas linhas.

O primeiro pensamento de satisfação ocorrido foi o de ver a escrita de Liev Tolstói adaptada para a sétima arte. Antes mesmo de adentrar ao cinema já me comprazia ao admirar o cartaz do longa, mas não criei expectativa, pois nem mesmo tinha lido alguma crítica sequer sobre a produção. Pensei apenas que filmar um Tolstói é um grande desafio, nem sempre exercido com êxito pelos profissionais que assim ousam. Não é a primeira vez que uma obra de Tolstói é adaptada para o cinema. Anna Karenina tivera outras produções. A primeira – nos moldes do cinema falado – data de 1935, com Greta Garbo atuando como protagonista e vencedora do prêmio Mussolini

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFRRJ (faelrwc@gmail.com)

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC/MG (repameca@pucminas.com)

Cup de melhor filme internacional, pois havia sido produzido nos Estados Unidos. Entre 1948 e 1997 mais três adaptações ganharam o cinema. Com a última produção de 2012 a obra Anna Karenina completa cinco filmagens no cinema falado e uma, também com Greta Garbo, no cinema mudo, obra de 1927.

Adaptar um romance literário para o cinema ou teatro requer artimanhas por parte da equipe técnica. Tanto diretores quanto atores serão julgados por seu desempenho em comparação com a obra escrita. Em se tratando de Tolstói esse aspecto se complica ainda mais, visto que seu modo particular de escrever retrata seus personagens tão somente para seus livros. Esta, no entanto, é uma visão particularista, merecedora de críticas e contraposições. Então, era entrar e apreciar o filme.

O segundo motivo foi o de assistir não a um filme de cunho “hollywoodiano”, no sentido prático ou ideológico do termo, mas a um verdadeiro espetáculo teatral formatado com grandes especificidades para o cinema. Apesar do filme contar com todos os aspectos da produção para o cinema de massa, particularidades devem ser apontadas em sua montagem, como por exemplo a dinâmica das cenas – ao desenrolar-se sempre em movimentos da valsa clássica. O roteiro e a fotografia também exigem do observador atenção redobrada, pois há o que chamo de cenário entrelaçado – quando em uma cena muda-se o cenário de forma dinâmica sem que o corte da cena apareça de modo brusco, como realizado comumente pelos diretores do cinema norte-americano. Ressalto por último a bela interpretação de Keira Knightley no papel Anna. Jude Law também merece destaque. Encarnou um verdadeiro burocrata russo e marido de Anna nas horas desocupadas das funções inerentes ao trabalho. Afinal a interpretação de um personagem tão ambíguo e contraditório exige muito do ator. Nesse filme, ao encarnar sua personagem, Law tem que alternar entre a retidão e a sensibilidade, em momentos dramáticos e tensos para um marido de família tradicional que vê sua reputação ser comprometida em uma sociedade tradicional. Afora outras nuances de importância histórica, como a situação camponesa na Rússia, o poder político da Igreja na vida coletiva e individual e um possível movimento revolucionário deixado no ar em algumas falas e aparições de personagens tidos como secundários, porém importantes no desenrolar da trama. Vê-se, por exemplo, o proletário Nikolai Levin que, envolvido com o sindicato procura abrigo sob o teto da fazenda camponesa herdada de seu falecido patriarca, outrora abandonado em vida pelo filho pródigo, que se dirige à cidade para lutar ao lado dos operários.

Liev Nicolaevitch Tolstói nasceu em uma família russa de grandes propriedades. Herdou do pai o título de Conde, pois na Rússia de Tolstói imperava a hereditariedade tanto nos títulos quanto no direito às terras da família. Em sua obra percebe-se a presença das contradições que marcaram sua vida juvenil e adulta. Com a morte dos pais, Maria e Nicolas, o jovem Liev procura abrigo emocional nas forças armadas russas em 1851. Toda a regra da caserna imperial não serviu para cercear a intensidade com que Tolstói vivia e isso se faz presente em suas obras. Bebidas, jogatinas e mulheres faziam parte do mundo no qual o futuro literato russo vivia. Entretanto, já na fase adulta iria encontrar um outro sentido em sua vida.

Foi entre seu casamento com Sophia Bers e o trabalho literário que Tolstói produziu suas duas principais obras: Guerra e Paz (1865) e Anna Karenina (1873). Em sua escrita torna-se presente a situação tanto na Rússia quanto no continente europeu do século XIX. Um retrato da situação camponesa – questão que muito o inquietava –, bem como o poder da Igreja e sua relação com o poderio governamental russo. Também inicia sua panfletagem contra as formas de propriedade privada e em prol do pacifismo e da política da não-violência. Há indícios de que a influência de Tolstói chegou até Mahatma Gandhi e ganhou força quando o indiano propôs sua Satyagraha. Em uma fase posterior de sua vida Tolstói adota um moralismo religioso, que muitos críticos percebem como um cristianismo, que foge do senso eclesiástico e suas formas de poder na relação com as pessoas. Defendia a produção individual, já que ninguém deveria depender de outros para produzir e mesmo para viver.



Figura 1: Capa do livro Anna Karenina. Edição de 1878.

Em Anna Karenina isso se demonstra quando Konstantin Levin, irmão mais novo de Nikolai Levin, porém de tendências avessas ao movimento proletário, se presta

a trabalhar juntamente com seus servos no campo que pertenceu ao seu falecido pai e agora é dele – assim como todos os seus servos – pelo direito da sucessão. Levin possui um irmão envolvido com o sindicato dos trabalhadores operários russos. Embora doente, seu irmão demonstra o profundo interesse pela causa dos trabalhadores. Contudo, seu papel no filme é de passagem rápida, entretanto capaz de passar o recado dessa questão no momento vivido pelos operários. Em um diálogo entre servo e o senhorio Levin – apesar da diferença hierárquica – ambos demonstram se tratar com respeito e atenção, embora a situação dos camponeses, chamados de *mujiques*, entre os séculos XVIII e XX na Rússia fosse de extrema miséria e fome. Konstantin, o novo senhor, parece os tratar de modo digno. Enquanto isso, os senhores rurais, o clero, empresários, militares graduados e membros da alta burocracia usufruíam das riquezas imperiais, resultado da expansão russa iniciada no início do século XVIII, como mostra a história e também o romance de Tolstói.

Na produção de 2012 algumas marcas da estética cinematográfica são bem fortes e distintas de outras adaptações anteriormente realizadas. Uma delas consiste no cenário. Não foi por obra do mero acaso que a adaptação de Tom Stoppard – o mesmo de *O Império do Sol* (1987) – foi indicada ao Oscar de “melhor design”. Com uma fotografia impecável e um cenário que chega a deixar tonto o espectador, o filme se mostra muito relevante quando adapta técnicas típicas do movimento teatral ampliadas nas telas do cinema e realizadas com muita cautela pelo elenco. Com trocas rápidas de paisagens ou mesmo o aproveitamento de uma cena que se torna outro lugar, os atores se movimentam de forma a lembrar as grandes escolas russas de balé e ginástica. Rodopios com movimentos fortes e robustos se alternam com um caminhar delicado e o suave manuseio das mãos ao dançar uma valsa. Em determinadas cenas parece aos espectadores estarem em um carrossel. Giram todos! Essa técnica nos coloca dentro do filme em uma interação muito particular com a projeção que se assiste. Ponto a mais para um filme envolvente, assim como é envolvente sua personagem principal.

Karenina, esposa de um membro da burocracia imperial russa em fins do século XIX é uma mulher de sorriso iluminado e estonteante, dona de uma beleza incomparável, admirada pelos familiares e pela sociedade czarista na qual exerce seu papel de mãe, cuidadora do lar e conselheira do irmão Oblonsky, residente em Moscou, cidade que perdera o status de capital russa em 1713 para São Petersburgo, onde viveu o clã Karenin.

O processo de industrialização da Rússia, iniciada pela burguesia junto ao governo imperial, fica clarividente desde os primeiros instantes do filme até o seu final. Os vagões do trem a vapor são mostrados desde o pequeno ferrorama do filho dos Karenin até o luxuoso vapor que leva Anna Karenina de São Petersburgo a Moscou em sua visita ao irmão. Os trabalhadores industriais ganham sua vez quando Anna se defronta rispidamente com um operário que realiza a inspeção rotineira dos vagões em cada parada que o trem faz. Assim como seu aparecimento é repentino, sua morte também o é. Parece que Tolstói denuncia a precariedade no processo de industrialização russa, já que o operário morre envolvido num acidente brutal, entre o trem e seus trilhos na partida da máquina.



Figura 2: Keira Knightley como Karenina

Embora cercada pelo luxo e a riqueza, proveniente da função exercida por seu marido, Alexei Alexandrovich Karenin, Anna não se encontra em uma situação amorosa satisfatória em seu relacionamento com o esposo. Como no trabalho, Alexei também exerce dentro do lar a função de um burocrata. Um homem de seu tempo que detém o controle da família com palavras duras, mas de forma simples e até suave, uma postura reta que faz das suas impecáveis roupas ao estilo das fardas militares, uma primeira pele. Seu olhar transborda autoridade mesmo com uma face serena e a barba aparada demonstra o controle que mantém nos menores detalhes.



Figura 3: O burocrata Alexei Karenin (Jude Law).

O que Alexei não poderia controlar era o brilho nos olhos de sua esposa ao redescobrir a possibilidade da paixão carnal. Ao trocar olhares com o jovem membro do regimento imperial, Conde Vronsky, Anna reacende em si a possibilidade do prazer, há tempos adormecido pelo frio relacionamento com Karenin. Nesse instante vem à tona a situação da mulher russa naqueles tempos em que o poder político e religioso se concentrava nas mãos do Czar, representante de Deus e dos homens na terra. Casada, não deveria difamar o nome do marido perante a sociedade nobre, perante os funcionários da casa, ao se dar o prazer da satisfação amorosa. Ainda mais em se tratando de um membro do governo, homem de reconhecimento na alta sociedade russa. O moralismo das mulheres é presente na obra e contrasta com a possibilidade da subversão moral, exercida no caso, por Anna Karenina. Exemplificado na cena em que Anna adentra a um café frequentado pela aristocracia e ao sentar, solitária, em uma mesa, as mulheres ao seu redor parecem comentar algo sobre ela. Liberdade dos princípios morais e religiosos que pautam sua sociedade e mesmo seu círculo de convivência, ela toma para si o que Tolstói já apontava em sua vida real. A liberdade fora dos muros da religião, exercida com uma moral particular. Permitindo-se novamente amar – após um leve controle de suas emoções – além da companhia presencial, Anna Karenina se torna maldita. Maldição que lhe acompanhará mesmo no novo amor, que também passa conforme passam os tempos. A paixão avassaladora entre Anna e o jovem Vronsky atravessa as barreiras da sociedade e também o amor pelo filho primogênito de Alexei e Karenina. Impedida de vê-lo por fazer sua opção pelo recém enamorado. Anna deixa de lado todo o olhar crítico da sociedade de corte que a julga como uma difamadora, sem direitos de satisfazer sua vontade pessoal. Em uma cena interessante, Anna está no camarote de um teatro para acompanhar a apresentação de uma opereta. Entretanto, não é acompanhada do novo marido Vronsky que por medo

da crítica se coloca em outro local do teatro. As mulheres ao redor de Karenina reproduzem o olhar machista dominante naquele tempo, ao fitar Anna com desprezo. No entanto, um homem próximo a Anna oferece a ela um panfleto para que acompanhe o enredo do espetáculo. Neste momento o corte da câmera mostra o olhar intencional do homem para com Anna Karenina. Olhar que a classifica como mulher sem princípios e capaz de se relacionar com outros homens sem mesmo ter com eles sentimentos. Após a convivência com o repúdio da sociedade, a distância do filho mais velho e o descaso do conde Vronsky – por quem Anna tudo deixou –, Karenina entra num desespero psicológico tornando-se refém de amônia para se tranquilizar e repousar.

Não há por parte da mulher Karenina a luta por uma questão social única ou mesmo focal, como por exemplo melhores condições de tratamento dos trabalhadores, a dignidade das mulheres etc. Talvez o retrato de Anna, pintado por Tolstói, sirva muito mais para mostrar seu pano de fundo do que a própria personagem em si. Talvez a busca social ideal seja a demonstrada por Karenina em todo livro e em seu filme, neste caso: a felicidade, que ao ser buscada gera consequências para a mulher que de tudo se desfaz ao reencontrar um caminho próprio a ser seguido. Isso torna Anna estonteante, apaixonada e apaixonante. Em Karenina, a mulher é a representação subjugada ao papel da sociedade patriarcal; em Vronsky, seu recém-amado, o homem em sua plena virilidade salta aos olhos, sem culpa por procurar outras mulheres até mesmo incentivado por sua mãe – senhora possuidora de um título de nobreza (Baronesa).

Por tudo deixar em busca do “verdadeiro” amor, a mulher Anna perde todos os seus sentidos em prol da companhia amada. Perde inclusive seu novo amor. Seus filhos - um de cada relacionamento -, sua posição social – embora tenha a admiração de outras mulheres sem coragem de seguir a sua postura e pedir o divórcio -, perde, enfim a vontade de viver... Naquele tempo, daquela forma, subjugada e menosprezada, comprimida pelos olhares que a jogaram sobre os trilhos da inferioridade, sob o trem do machismo social e religioso.

Fontes das Imagens

Figura 1: https://pt.wikipedia.org/wiki/Anna_Karenina

Figura 2: <http://www.blumenews.com.br/site/images/blumenews%2520-%2520anna%2520karenina.jpg&imgrefurl>

Figura 3: <http://www.aceshowbiz.com/images/still/anna-karenina-still07.jpg&imgrefurl>

Referências Bibliográficas

- BARTLETT, Rosamund. *Literary Russia*. Glenfield: Penguin House, 2007, 515 p.
- BARTLETT, Rosamund. *Tolstói*. A biografia. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2013, 640 p.
- REIS FILHO. Daniel Aarão. *A Revolução Russa: 1917-1921*. São Paulo: Brasiliense, 1999, 117 p.
- TOLSTÓI, Leon. *Anna Karênina*. Belo Horizonte: Itatiaia Editora, 2007, 586 p.